

I

Vou expor-me a grandes críticas. Mas que posso eu fazer? Tinha alguma culpa de ter completado doze anos alguns meses antes da declaração da guerra? Os problemas que encontrei nesse período extraordinário foram, sem dúvida, de um gênero que nunca se experimenta naquela idade; mas como não há nada que realmente nos faça amadurecer, apesar das aparências, era como criança que havia de me comportar numa aventura em que até um adulto se teria visto aflito. Não sou o único. Também os meus companheiros guardarão dessa época uma recordação bem diferente da dos mais velhos. Que os que estão já contra mim tentem pensar no que foi a guerra para um grande número de rapazes novos: quatro anos de longas férias.

Vivíamos em F..., na margem do Marne¹.

Os meus pais condenavam, acima de tudo, a amizade mista. A sensualidade, que nasce connosco e se manifesta mesmo às cegas, em vez de perder, só ganhava com isso.

Nunca fui um sonhador. O que os outros, mais crédulos, vêem como sonho, parecia-me tão real como o queijo se apresenta ao gato, apesar da queijeira de vidro. E, no entanto, a queijeira existe.

Quando a queijeira se parte, o gato aproveita-se, mesmo que sejam os donos a parti-la, cortando-se nas mãos.

Até aos doze anos não me lembro de ter tido nenhuma paixãoeta, a não ser por uma miúda chamada Carmen, a quem fiz chegar, através de um rapaz mais novo do que eu, uma carta em que lhe expressava o meu amor. Invocando esse amor, permitia-me solicitar-lhe um encontro. A carta foi-lhe entregue de manhã, ainda antes de entrar na sala de aula. Tinha escolhido a única rapariga que se parecia comigo, porque andava muito limpa e ia para o colégio acompanhada de uma irmã pequenina, como eu do meu irmão mais novo. Para manter aquelas duas testemunhas caladas, imaginava uma forma de os casar. Então, juntei à minha carta uma do meu irmão, que ainda não sabia escrever, para a pequena Fauvette. Expliquei ao meu irmão aquela minha atitude, e a nossa sorte se ficássemos com duas irmãs da nossa idade e com nomes de baptismo igualmente excepcionais. Constatei, com tristeza, que não me tinha enganado acerca das boas maneiras de Carmen quando, depois de almoçar com os meus pais, que me estragavam com mimos e nunca me ralhavam, voltei para a aula.

Os meus companheiros tinham acabado de se sentar nas suas carteiras — eu estava agachado no estrado, para tirar do armário, como melhor aluno da turma, os livros para a leitura em voz alta — quando o director entrou. Levantaram-se todos. Vinha com uma carta na mão. Fraquejaram-me as pernas, os livros caíram, tentava apanhá-los enquanto o director falava com o professor. Os dos bancos da frente, ao ouvirem sussurrar o meu nome, viravam-se logo para mim, que estava ao fundo da sala, muito corado. Por fim, o director chamou-me e, para me repreender delicadamente, sem despertar, julgava ele, más ideias nos outros, felicitou-me por ter escrito uma carta de doze linhas sem um único erro. Perguntou-me se a tinha redigido sozinho e depois pediu-me que o acompanhasse ao gabinete. Mas não chegámos lá. Zangou-se comigo mesmo no pátio, debaixo de uma grande chuvada. O que mais perturbava as minhas noções de moral era que ele conside-

rasse tão grave eu ter comprometido a rapariga (cujos pais lhe haviam comunicado a minha declaração) como ter roubado uma folha de papel de carta. Ameaçou enviá-la para a minha casa. Supliquei-lhe que não o fizesse. Cedeu, mas disse-me que conservaria a carta e que, à primeira reincidência, não poderia continuar a esconder o meu mau comportamento.

Esta mistura de atrevimento e de timidez desconcertava e enganava os meus familiares, tal como, no colégio, a minha facilidade, verdadeira preguiça, me fazia passar por bom aluno.

Voltei para a sala. O professor, irónico, chamou-me Don Juan. Senti-me bastante vaidoso, sobretudo porque citava uma obra que eu conhecia e os meus colegas não. O seu «Bom dia, Don Juan» e o meu sorriso cúmplice transformaram a opinião da turma a meu respeito. Talvez já soubessem que eu tinha encarregado um miúdo das classes mais novas de entregar uma carta a uma «menina», como dizem os colegas na sua linguagem severa. Esse miúdo chamava-se Messenger; não o tinha escolhido pelo nome, mas, ainda assim, é verdade que esse factor me inspirava alguma confiança.

À uma hora tinha suplicado ao director que não dissesse nada ao meu pai; às quatro fervia com vontade de lhe contar tudo. Nada me obrigava a isso, mas faria a confissão em nome da sinceridade. Sabendo que o meu pai não se aborreceria, sentia-me, na verdade, encantado com a ideia de que conhecesse a minha proeza.

Confessei-a, então, acrescentando com orgulho que o director me havia prometido absoluta discrição (como a uma pessoa importante). O meu pai queria saber se eu não teria imaginado, com todos os pormenores, aquela história de amor. Foi procurar o director. Durante essa visita, falou casualmente do que acreditava ser uma farsa. — O quê? Questionou então o director, surpreso e muito aborrecido; ele contou-lhe isso? Implorou-me que me calasse, dizendo que o senhor o mataria.

Essa mentira do director era uma forma de se desculpar, o que contribuía ainda mais para o meu orgulho masculino. Ganhei, de imediato, a estima dos meus companheiros e uma piscadela de olho do professor. O director escondia a raiva. O infeliz ignorava o que eu já sabia: o meu pai, chocado com a sua conduta, tinha decidido deixar-me terminar o ano escolar para depois me tirar dali. Estávamos no início de Junho. A minha mãe, como não queria que aquilo influenciasse os meus prémios nem as minhas coroas, esperou pela atribuição para depois se referir ao caso. Chegado esse dia, e graças a uma injustiça do director, que receava confusamente as consequências da sua mentira, fui o único da classe a receber a coroa de ouro e também o prémio de excelência. Cálculo mal feito: o colégio perdia assim os seus dois melhores alunos, pois o pai do verdadeiro merecedor do prémio de excelência retirou também o seu filho.

Alunos como nós serviam de chamariz para outros.

A minha mãe achava que eu era demasiado novo para ingressar no Henri-IV². No seu íntimo, o que isso significava era que eu teria de começar a apanhar o comboio. Fiquei então dois anos em casa a trabalhar sozinho.

Prometia a mim próprio alegrias infinitas, pois, como conseguia fazer em quatro horas o trabalho que os meus antigos colegas não completavam em dois dias, ficava com metade do dia livre. Passeava sozinho nas margens do Marne, que era de tal forma o nosso rio que as minhas irmãs, quando falavam do Sena, diziam «um Marne». Subia para o barco do meu pai, apesar de ele me proibir de o fazer; não remava, sem querer admitir que o meu medo não era pela desobediência, mas sim medo puro. Lia, deitado no barco. Em 1913 e 1914 passaram por ali uns duzentos livros. Não os que são considerados maus livros, mas os melhores, se não pelo pensamento, ao menos pelo mérito. Por isso, bem mais tarde, na fase em que os adolescentes desprezam os livros da Bibliothèque Rose³, encantei-me pelo seu charme infantil, que anteriormente não teria querido ler por nada deste mundo.

A desvantagem daquelas distrações em alternância com o trabalho era que o ano, do meu ponto de vista, se transformava todo numas falsas férias. Assim, o meu trabalho diário resumia-se a pouca coisa; mesmo trabalhando menos tempo do que os outros, acabava por ter de o fazer enquanto eles estavam de férias e, por isso, essa pouca coisa era como uma rolha de cortiça que um gato traz toda a vida agarrada à cauda, quando preferiria, com certeza, andar um mês com uma caçarola atrelada.

Aproximavam-se as verdadeiras férias e eu tinha pouca noção disso, pois significavam, para mim, o mesmo regime. O gato continuava a olhar o queijo através da queijeira. Mas veio a guerra que partiu a queijeira. Os donos tiveram outros gatos para castigar e o gato divertia-se.

Verdade seja dita, em França toda a gente se divertia. As crianças, levando debaixo do braço os livros que tinham recebido como prémio, aglomeravam-se diante dos cartazes. Os maus alunos aproveitavam-se da desorientação das famílias.

Íamos todos os dias, depois do jantar, à estação de J..., que ficava a dois quilómetros de casa, ver passar os comboios militares. Levávamos campânulas, que atirávamos aos soldados. Senhoras de bata serviam vinho tinto de bidões e derramavam litros e litros sobre a plataforma juncada de flores. Todo este cenário deixou em mim uma memória de fogo-de-artifício. Nunca tanto vinho foi desperdiçado nem mortas tantas flores. Tínhamos de enfeitar as janelas da nossa casa.

Mas cedo deixámos de ir a J... Os meus irmãos e irmãs começavam a faltar-se da guerra, a achá-la muito demorada. Tirava-lhes a beira-mar. Habitados a levantarem-se tarde, tinham agora de ir comprar os jornais às seis horas. Triste diversão! Mas, por volta do dia vinte de Agosto, estes jovens monstros recuperam a esperança. Em vez de saírem da mesa, onde as pessoas grandes se demoram, deixam-se ficar agora a ouvir o meu pai falar da partida. De certeza que já não haveria meios de transporte. Teríamos de fazer a viagem de bici-